

# Ensinando a vida com a morte

*Olavo Pires de Camargo<sup>I</sup>, Luiz Eugênio Garcez Leme<sup>II</sup>*

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

A vida e a morte são as duas faces da realidade cotidiana do exercício da medicina. É óbvio que o médico busca e é treinado para valorizar a vida, no entanto, não se pode ter apenas uma face dessa realidade, de modo que a abordagem e o trato com uma não podem desconhecer ou minimizar a outra.

No curso médico, já desde o primeiro ano, a proximidade com a morte é patente no curso de anatomia, quando os alunos têm contato com os cadáveres, que avança durante todo o curso e durante toda a vida dos jovens estudantes e profissionais. Será que os estamos preparando, utilizando esse contato com a morte para ensinar a valorizar a vida?

Vivemos num mundo em que o hedonismo e a busca do prazer ofuscam qualquer manifestação, por modesta que seja, que possa representar algum desconforto, mesmo que construtivo; e a contemplação e convivência com a morte com certeza é desconfortável. Em primeiro lugar, porque nos coloca frente a frente com uma realidade pela qual todos passaremos, mesmo quando procuramos fugir, e em segundo lugar, porque o contato com pessoas que estejam próximas da morte é tremendamente comprometedor, outra realidade que desdiz de um ambiente no qual os compromissos não são bem vistos (não me comprometa! ... quero defender o meu! ...)

Será que essas atitudes tão comuns de hedonismo e descompromisso são adequadas a um médico? Algum de nós gostaria de ser acompanhado por um profissional que não quisesse compromissos com nossa doença e conosco mesmo

e que nos abandonasse, mesmo que discretamente, quando a doença se agrava? No entanto, esta é uma realidade infelizmente vivida por muitos pacientes.

É fácil culpar os jovens e seus problemas educacionais por essa limitação! No entanto, como os estamos preparando para lidar com a morte e o morrer durante o curso médico? Será que estamos nós mesmos, professores, preparados para ensinar e, pior ainda, para viver essa relação?

Já repararam como os cadáveres nos primeiros anos de estudo na anatomia são despersonalizados? Alguns ganham apelidos e viram brincadeiras nos comentários, outros são considerados apenas nas suas partes (este braço, aquele tórax, o outro coração), sem se considerar que são parte de pessoas que tiveram histórias de vida, projetos, sentimentos etc.

Será que nós, professores, nos preocupamos em valorizar desde o início do curso médico esse respeito? Antigamente em algumas escolas, o curso de anatomia se encerrava com uma missa ou algum culto em lembrança das pessoas cujos corpos foram utilizados no curso. Parece que não se trata mais de um hábito em muitas escolas.

Essa realidade infeliz projetou-se na evolução dos cursos em muitas de nossas melhores instituições. O descuido e o desinteresse dos pacientes terminais, que ficavam relegados a cantos da enfermaria, atrás de biombos e nos quais as prescrições tinham o conhecido SPP (“se parar, parou”), significando que aquele paciente não tem mais possibilidades de

<sup>I</sup>Professor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

<sup>II</sup>Professor associado do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo  
Rua Barata Ribeiro, 490 — 3ª andar — conj. 33  
Bela Vista — São Paulo (SP)  
CEP 01308-000  
Tel. (11) 3123-5620  
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflitos de interesse: nenhum declarado

Entrada: 20 de junho de 2016 — Última modificação: 20 de junho de 2016 — Aceite: 27 de junho de 2016

tratamento medicamentoso ou cirúrgico e, portanto, carece de interesse, marca a visão que os alunos têm do exercício da medicina, na qual o que interessa é aquilo que eu, como médico, posso tratar, ter sucesso, aumentar minha autoestima e meu prestígio. O resto não deve merecer minha atenção e então eu “esqueço” no canto da enfermaria, ou mando sem uma justificativa evidente para a UTI (unidade de terapia intensiva), comum na atenção em instituições privadas, ou mesmo “terceirizo” para uma equipe de cuidados paliativos e me desligo totalmente do acompanhamento do paciente (afinal eu fiz o que eu podia...)

Qual de nós gostaria de estar no lugar desse paciente? Como educar uma geração de alunos que vêm de um mundo despersonalizado a praticar uma medicina personalista?

Não se trata de uma tarefa simples, mas cremos que a melhor, para não dizer a única possibilidade, é expor os alunos, desde o início do curso, à perspectiva do convívio com o sofrimento e a morte.

No caso dos cursos de anatomia, medidas que valorizassem as pessoas cujos corpos estão sendo estudados poderiam dar melhor noção da dignidade do ser humano que se mantém mesmo no seu corpo sem vida e merece o respeito

de todos. No caso dos cursos clínicos, a exposição e o acompanhamento de doentes terminais com certeza seria altamente educativa.

A conhecida psicóloga Elizabeth Kübler Ross, da Universidade de Chicago, em seu livro “Sobre a morte e o morrer”<sup>1</sup> narra uma experiência educativa impressionante. A autora e seu marido, em um momento de suas vidas, perceberam que seus filhos estavam, no dizer da autora, “vazios como latas de cerveja usadas”, sem virtudes aparentes que os pais julgavam necessárias. Nessa situação, resolveram adotar um doente terminal que, segundo se imaginava no hospital, teria no máximo uma ou duas semanas de vida e não tinha nenhum parente ou ninguém que o pudesse acolher, levando-o para a sua casa para cuidá-lo em família. O fato é que, graças aos cuidados que toda a família teve, o paciente ficou com eles não duas semanas, mas aproximadamente seis meses e, no dizer da autora: “apesar de termos dado a este paciente nossos melhores cuidados e nosso carinho, posso garantir que, ao final, ele nos deu muito mais do que recebeu de nós!”

Não precisamos levar nossos pacientes graves para casa, mas podemos, sim, expor nossos alunos a um choque de realidade. Certamente teremos melhores médicos!

## REFERÊNCIAS

1. Kübler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Editora Martins Fontes; 1996.